



O CALÇADÃO COMO ESPAÇO DE (RE) SIGNIFICAÇÃO DA VIDA NA VELHICE

Jullyanne Rocha São Pedro (1), Célia Aparecida Araújo Lemos (2), Grazielle Azevedo Abreu (3), Mariana Palmeira Santos (4)

(1) *Universidade Federal de Campina Grande:* jullyanne.rocha@hotmail.com

(2) *Universidade Federal de Campina Grande:* celia.2011.lemos@gmail.com

(3) *Universidade Federal de Campina Grande:* grazyaabreu@hotmail.com

(4) *Universidade Federal de Campina Grande:* ps.mari@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir como o Calçadão se tornou um espaço de (re)significação da vida na velhice. O trabalho teve como metodologia a pesquisa de campo, através de observação participante realizada com os idosos frequentadores do Calçadão da Cardoso Vieira, localizado no Centro da cidade de Campina Grande/PB. A pesquisa destaca a construção simbólica deste lugar como ponto de encontros entre os idosos do gênero masculino. A pesquisa etnográfica ocorreu de forma qualitativa, com uso de observação participante, com caráter descritivo e busca pelo significado que os idosos dão as coisas e à sua vida. Constata-se que o idoso vai ao Calçadão por buscar identificação com o seu semelhante e para criar um novo sentido à sua vida.

Palavras-chave: Velhice. (Re)Significação. Subjetividade. Identidade. Gênero.

INTRODUÇÃO

Considerando que o processo de envelhecimento repercute em mudanças em diversas estruturas sociais, ela também acarreta uma readaptação do sujeito, que passa a ocupar outra função social e obter outras identidades. Dentre essas identidades, tem-se a de “improdutivos, desempregados, desocupados e vadios”, pois muitos, ao deixarem de trabalhar, não encontram mais “utilidade” para o seu tempo livre.

Esse olhar dos idosos para eles mesmos reflete a demanda cultural vigente, na

qual o idoso ao não mais encontrar espaço de atuação, não encontra mais o seu lugar social. Com o advento da aposentadoria, o idoso passa a ter o ócio no lugar do seu trabalho, e passa a demandar uma (re)significação da sua identidade de “trabalhador” e do tempo anteriormente ocupado pelo labor.

Essa problemática nos levou a pensar em algumas questões: o lugar social ocupado pela pessoa idosa em uma cultura que preza pela produtividade; a experiência do envelhecimento em um contexto onde o imperativo do novo é predominante; as representações sociais e simbólicas



construídas em torno do envelhecer; o olhar governamental através de políticas públicas de assistência às pessoas da terceira idade; o discurso de alteridade no enlace social dos diferentes grupos sociais.

Atentando para essas evidências, o espaço urbano de Campina Grande é (re) significado ao lançarmos um novo olhar sobre o encontro diário de idosos no espaço do “Calçadão”. Compreender como um espaço inóspito, desprovido de estrutura e equipamentos que garantam o mínimo de comodidade, como bancos, mesas, tornou-se um fascinante campo de pesquisa de construção de subjetividades.

Assim, o trabalho em questão tem por objetivo apresentar um relato etnográfico da pesquisa realizada com os idosos frequentadores do Calçadão da Cardoso Vieira, localizado no centro comercial de Campina Grande, que foi inaugurado em 1975, recebendo inicialmente o nome de “Calçadão Jimmy de Oliveira”. Posteriormente, passou a ser chamado Calçadão da Flórida, e por fim, ficou conhecido como Calçadão ou “praça dos velhos”, como se referem alguns frequentadores. Dentro do relato, lançaremos olhar para a construção simbólica que faz deste lugar um *point* de encontros entre os idosos do gênero masculino.

Embora a localização do Calçadão no centro comercial de Campina Grande contribua para uma intensa movimentação de pessoas, que por diversas razões incluem o espaço em seu trajeto, o público alvo da pesquisa diferencia-se por serem indivíduos idosos, cuja frequência ao Calçadão é regular, e a permanência no local duradoura, estendendo-se por horas.

METODOLOGIA

A pesquisa etnográfica configura-se aos moldes qualitativos, uma vez que fazemos uso da observação participante, lançando interpretações sobre a perspectiva do objeto estudado. É nosso olhar refletindo o olhar do outro. Seu caráter descritivo, enfoque indutivo e a busca pelo significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida, compõem características atribuídas por Godoy (1995, p. 62) às pesquisas qualitativas.

Uriarte (2012) aponta que a tarefa de ir a campo pode apresentar dificuldades ao pesquisador na coleta de dados, visto que, não há dados a serem coletados, mas diversidade de informações que podem desorientar o pesquisador. Atestamos esse fato em nossas idas ao campo de pesquisa, quando vivenciamos momentos de inquietação.

Não utilizar entrevistas nos permitiu participar de diálogos abertos com os



indivíduos do campo pesquisado, e nos inserir da dinâmica do espaço, como se pressupõe o trabalho de caráter antropológico. Clifford (1999) *apud* Uriarte (2012) aponta que:

“O “campo” antropológico supõe não apenas ir e ver ou ir e pegar amostras, mas algo mais complexo: uma co-residência extensa, uma observação sistemática, uma interlocução efetiva (língua nativa), uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e tolerância irônica.” (URIARTE, 2012, p.5)

Estabelecemos uma relação de proximidade, em certa medida, mas não exatamente como prevê o método etnográfico, pois não houve uma vivência por longo período com a sociedade a ser estudada. A presença no campo também nos permitiu passar da etapa de confusão inicial à diversidade de perspectivas a serem abordadas, onde a partir das longas e diversificadas anotações, atingimos outra fase da pesquisa, a identificação das questões mais significativas acerca da sociedade pesquisada.

Pesquisando em campo

O trabalho de campo se iniciou na manhã do dia 15 (quinze) de junho de 2015, quando nos dirigimos ao calçadão localizado no centro comercial de Campina Grande, nas proximidades da praça da bandeira, entre as

ruas Venâncio Neiva e Marquês de Herval. Trata-se de um espaço entre diversos estabelecimentos comerciais como: lanchonetes, minibox de prestação de serviços, supermercado e farmácias.

Chegamos ao local por volta das dez horas e optamos inicialmente por observar o território informalmente. Havia nesse momento cerca de trinta idosos, aparentemente com uma média de setenta anos, todos do gênero masculino e, em sua maioria, dispostos em pequenos grupos. Conforme constatamos posteriormente, este é o horário em que eles se concentram em maior número.

Escolhemos um banco no centro do Calçadão com boa visibilidade do espaço e próximo de alguns grupos que conversavam animados, buscando com essa estratégia “pescar” algumas conversas.

Observamos situações plurais de comportamento entre eles. Alguns apenas olhavam distraídos o vai e vem dos transeuntes, como que com o pensamento distante. Porém, ao passar garotas jovens de corpos sinuosos, os olhares se mostravam atentos e demorados. Em menor número, tinha os que ficavam lendo seus jornais, outros se utilizavam das lanchonetes e cafeterias presentes.

Contudo, a maior parte dos idosos agrupava-se formando rodas de conversas e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

debates, por vezes calorosos. Conforme percebemos as temáticas versavam entre política, futebol, piadas... Pareciam descontraídos e felizes.

Neste espaço, surge, de forma “espontânea”, nossa primeira interação com os sujeitos observados: ao nos levantarmos de algum dos assentos, dois senhores aparentando ter em média 65 e 70 anos, quase que instantaneamente nos perguntam se não iríamos mais fazer uso daqueles lugares, pois dois “jovens” queriam se sentar neles. Se o objetivo era serem engraçados no reclame pelos assentos ou nos “constranger” pela nossa falta de atitude em tê-los oferecido, não soubemos interpretar.

Nossa inserção no campo de pesquisa despertou a curiosidade por parte dos frequentadores do Calçadão. Os olhares de desconfiança que percebemos inicialmente e atribuímos a nossa dupla condição de “estrangeiras”, dado o fato de sermos mulheres e jovens em um espaço ocupado especialmente por homens idosos, ganham significação ao longo da pesquisa.

Um exemplo disso é a afirmação feita a nosso respeito pelo mototaxista ao colega: — *“isso deve ser gente querendo convencer os velhos a fazer empréstimo consignado”*. A afirmação revela a associação de nossa imagem a de agentes financeiros conhecidos

como *pastinhas*¹, que são em sua maioria mulheres jovens, e cujo trabalho é convencer idosos a aderirem aos empréstimos consignados.

Com isso, evidenciam a fragilidade dos idosos neste cenário, diante da problemática a qual têm sido expostos aposentados e pensionistas, desde a criação do Programa de Empréstimos Consignados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), instituído pela Lei 10.820 de 17 de dezembro de 2003, a saber, o abuso financeiro e/ou estelionato praticado por *pastinhas*. Além das *pastinhas*, existe também a presença de mulheres jovens no Calçadão em busca de conseguir vantagem financeira dos idosos em troca de carícias de cunho sexuais.

A condição de “estrangeira” por nós vivenciada, também fora relatada pelo antropólogo Clifford Geertz, em *“Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”*, oportunidade em que relata como deixou de ser considerado estrangeiro, ignorado pelos balineses, passando a ser aceito pelos nativos após uma intervenção policial decorrente de uma briga de galos. A aceitação ocorreu decorrente da solidariedade, quando eles tiveram a mesma atitude dos balineses ao fugir da polícia.

¹ Designação popular dada aos agentes financeiros que trabalham com empréstimos consignados fora das agências bancárias, e, que consigo carregam frequentemente, pastas com documentos, contratos, etc. Prática que origina a designação *pastinha*.



Assim, compreendemos que essa associação tornou-se uma via de inserção na dinâmica do campo de pesquisa, ora contribuindo ou dificultando nossas abordagens, pois carrega consigo todo o estigma das figuras mencionadas. Incide positivamente quando os idosos fazem revelações de cunho pessoal, como por exemplo, o gosto por filmes eróticos e sobre suas relações familiares. Quanto ao aspecto negativo, pudemos perceber que alguns se cercam de cuidados diante de nossa aproximação ou lançam olhares lascivos que nos incomodaram significativamente.

Um aspecto identificado em nossas visitas é a forma diferenciada de eles se colocarem no espaço, a depender da origem e classe social. Essa interpretação parte da percepção da presença de senhores idosos bem vestidos, que permanecem na mesa da lanchonete sem se misturar aos demais, apenas observando. Enquanto que os que são aparentemente de origem popular, a julgar pela forma como se vestem e as reclamações sobre as limitações de uma aposentadoria, permanecem no centro da praça, ocupando bancos e canteiros em degradantes estados de conservação, frequentemente em grupos.

A (re) significação do tempo livre

A velhice traz consigo, conforme apontado anteriormente, a aposentaria e com ela a ociosidade, desocupação incômoda principalmente por sua significação, e, que demanda a elaboração de novas estratégias de socialização e ocupação.

Dentre essas estratégias podemos destacar: o trabalho até a aposentadoria compulsória, o encontro regular com os amigos, o cuidado com netos e a frequência a espaços religiosos, ou ainda, o estabelecimento de novos vínculos sociais, venda e troca de objetos, a exemplo dos idosos do Calçadão.

Caminhos que sugerem uma fuga para a solidão provocada pelo “gradual esfriamento de suas relações com pessoas a quem eram afeiçoados, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança.” (ELIAS: 2001, p. 8).

Salgado (1997) aponta a importância da aposentadoria para a rotatividade no mercado de trabalho através da mudança das gerações. Com relação à aposentadoria, assevera que ela cria uma identidade para a velhice, pois ela a determina, mesmo que o indivíduo não seja velho no âmbito biológico.

Os idosos, com os quais conversamos, possuem familiares e casa para morar. Contudo, a maioria, todos os dias, se arruma e vai até o Calçadão, permanecendo o dia



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inteiro. Lá, tomam um café pela manhã na lanchonete do chinês, conforme é chamada; na hora do almoço, vão até o Restaurante Popular, que é localizado na esquina da praça; depois do almoço, retornam à praça e ao final da tarde, tomam outro café preto, na mesma lanchonete, ou seja, todo o tempo antes preenchido trabalho é dedicado à vivência naquele espaço.

Atendentes de espaços comerciais, a exemplo da farmácia, informaram que com a quantia de R\$ 2,00 (dois reais) eles passam o dia inteiro lá, pois o café custa 50 (cinquenta) centavos e o almoço, R\$ 1,00 (um real). Apesar de possuir a sua família e ter refeição em sua casa, o idoso prefere permanecer nesse local e lá criar laços com os que são iguais a eles.

O sentido atribuído à vida de alguém está relacionado ao significado que se adquire para a vida de outras pessoas. Quando o alguém, no caso o idoso, mesmo vivo, percebe que perdeu o sentido na vida do outro, ele se sente só. Nota-se que, na praça, os idosos não se sentem sós, pois lá eles fazem sentido na vida dos outros: conversam, riem, cantam, tocam instrumentos, dançam, enfim, eles vivem e dão às suas vidas e àquele espaço significados.

Para Elias, “o conceito de solidão refere-se a uma pessoa que por essa ou aquela razão é deixada só. Tais pessoas podem viver

entre as outras, mas não têm significado afetivo para elas.” (ELIAS, 2001, p. 75).

Aqui cabe considerar duas questões que se apresenta no decorrer da pesquisa: a ausência de mulheres idosas no espaço do Calçadão e a ausência de equipamentos e serviços que supram a necessidade de ocupação e socialização das pessoas idosas.

Quanto à primeira questão, percebemos que embora as mulheres idosas transitem pelo local, não permanecem ali por longos períodos de tempo, tal qual ocorre com os homens. Sua ocupação do espaço se limita a descansar por alguns minutos no banco ou tomar café. Ao serem interpelados sobre isso, eles afirmam que “elas estão cuidando da casa e dos netos” ou “ficou em casa”. Destarte, concluímos que, o trabalho doméstico atribuído especialmente às mulheres não cessa com a velhice.

Percebe-se assim um resquício de uma sociedade baseada no patriarcado, principalmente por se tratar de pessoas que possuem a faixa de idade entre 60 e 80 anos, pois a mulher que possui esta faixa etária, em seus anos de mocidade, costumava cuidar da casa e de seus filhos. Assim, mesmo com a velhice, ela continua a representar o seu papel e mantém as suas identidades: de dona de casa, esposa, mãe, e, possivelmente, avó. Nesse aspecto, a velhice é vivenciada de forma diferente por homens e mulheres.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quanto aos serviços, em todo o período da pesquisa não identificamos a presença de nenhuma iniciativa de atendimento as demandas dos idosos, que queixam-se do descaso com o estado da estrutura física do local. Uma cena emblemática durante a nossa abordagem foi o momento no qual o idoso fica de pé e levanta o assento do banco com as mãos, mostrando sua indignação. Ele ainda questiona a razão pela qual as emissoras de televisão local que, frequentemente fazem reportagens na loja oficial da agremiação esportiva Treze Futebol Clube, que fica localizada na esquina da praça, não denunciam a precariedade de um espaço tão importante e tradicional.

Vale ressaltar que, a tradição do Calçadão enfatizada por frequentadores e comerciantes locais é fruto da ocupação especialmente dos idosos que ali estão. O espaço tornou-se referência para aqueles que desejam encontrar com amigos e conhecidos, o relato de um idoso de Campina Grande que mora no Rio de Janeiro há alguns anos conforme nos informou, é uma evidência dessa questão: *“encontrei um parente que não via há quarenta anos. Se a gente não encontrar a pessoa aqui não encontra em lugar nenhum.”*

Ademais, os idosos negam a existência naquele espaço de projetos e serviços social, de saúde, educação e cultura como política

pública. As iniciativas culturais que existem no Calçadão, são promovidas por artistas de rua ou pelos próprios idosos, conforme pudemos ouvir e verificar em uma de nossas visitas. Às sextas-feiras pela manhã, um deles traz a sanfona para tocar o tradicional Forró Pé-de-serra.

Nos momentos que acompanhamos a realização de apresentações artísticas no Calçadão, observamos que elas não prendem a atenção dos idosos por muito tempo, estes se concentram especialmente no centro da praça para conversar, lá permanecendo sentados no canteiro das árvores durante horas.

Um exemplo disso é a apresentação do teatro de bonecos por nós presenciada, em uma de nossas visitas no final da tarde. Conforme observamos, o círculo de expectadores que assistia a apresentação do espetáculo era composto em sua maioria por pessoas jovens, que saindo do trabalho transitavam pelo local naquele momento.

Representações em torno do ser velho

Ao analisar as narrativas dos jovens que convivem diariamente com os idosos na praça, questionamos se o discurso de seus familiares não seria o mesmo e pensamos que a motivação que leva os idosos a irem



diariamente para essa praça poderia ser a busca da identificação com o seu semelhante.

A não-identificação dos jovens com os idosos foi por nós constatada nas observações e entrevistas com jovens que trabalham nos cafés, farmácias e lojas que circundam a praça, é apontada por Norbert Elias em *Envelhecer e morrer* (2001). Na obra o autor relata suas experiências apontando à dificuldade dos jovens se colocarem no lugar dos mais velhos, uma resistência inconsciente reconhecida pela psicanálise como recalque, diante da expectativa da própria velhice e a consequente morte.

José Carlos Rodrigues, em *Tabu da Morte*, fala que a morte é a única certeza que temos da vida e diz que o homem é o único ser que possui a consciência da morte e de sua condição precária e efêmera. Rodrigues (2006) elenca as representações de morte para os brasileiros e diz que a “morte de velhice” é a morte mais típica da categoria de “morte morrida”. Assim, a velhice estaria atrelada à representação de morte.

Nesse mesmo sentido, Norbert Elias, em seu livro *A Solidão dos Moribundos*, demonstra a finitude da existência humana e a angústia que isso gera. O autor esclarece que muitas pessoas passam a morrer paulatinamente, com é o exemplo dos idosos que perdem a companhia dos seus, nos últimos capítulos de suas vidas. Desse modo,

haveria a separação/exclusão dos idosos como forma de se afastar da proximidade de sua própria morte, a fim de negar esta certeza que alcançará a todos.

Alguns autores apontam que os valores atribuídos às relações sociais estão relacionados à competitividade e a capacidade para o trabalho, a independência e autonomia funcional, com isso, a faixa da população que vivencia o último ciclo do processo de envelhecer é excluída gradativamente. Valores responsáveis pelo “isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos” (ELIAS, 2001, p. 8).

Elias (2001) afirma que a compreensão da experiência do envelhecimento requer percebermos esse novo lugar social ocupado pela pessoa. A afirmação feita em tom jocoso por um dos frequentadores do calçadão evidencia um lugar de negatividade e inutilidade atribuído à velhice nos dias atuais: “*aqui só vem desocupados*”. Simone de Beauvoir, em seu livro: *A velhice: a realidade incômoda* tece uma crítica a esses estigmas atribuídos pela sociedade aos idosos, denunciando a não-identificação da sociedade jovem com a velhice.

A estigmatização é um conceito trazido por Goffman (1988) em *Estigma*, no qual o meio social representa um fator determinante para a geração e perpetuação de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estigma, bem como a história, a cultura. Importante ressaltar que para o autor, "a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade" (GOFFMAN, 1988, p. 141).

Dessa forma, é possível pensar que a representação negativa da velhice esteja associada à ideia da morte, o isolamento imposto provoca ao idoso sofrimento psíquico por essas questões, leva-o até a praça para encontrar com outros idosos e assim encontrar com ele mesmo. Negatividade que se estende as representações em torno da sexualidade desse grupo, e são perceptíveis nas expressões "velhos tarados", utilizadas por trabalhadores dos estabelecimentos do entorno.

As afirmativas são acompanhadas de informações quanto à prática dos idosos "alisar as meninas e levar para a pousada", e ainda, comprar Citrato de Sildenafil popularmente conhecido por Viagra ou "azulzinho" como se referem os funcionários da farmácia.

O aspecto da sexualidade também se apresenta na narrativa da funcionária do café. Conforme ela nos informa e constatamos posteriormente, os idosos buscam estabelecer um contato corporal ou/e fazem abordagens indiretas através de frases como: "*se eu não fosse casado... seria solteiro*".

Emergem então duas problemáticas: a representação do corpo idoso de forma assexuada negando a sexualidade que não atende as funções biológicas e reprodutivas, sendo considerada aberrante; e o apagamento do sujeito, que desconhecendo as limitações fisiológicas e delimitações culturais, carrega consigo o desejo e a necessidade de buscar outras formas de vivê-la.

Todos esses aspectos incidirão em sua percepção de si, pois "o sujeito vê o seu envelhecimento, diríamos sua velhice, pelo olhar do Outro ou ele se vê velho pela imagem que o Outro lhe devolve" (MUCIDA, 2012, p.27). Uma evidência disso é afirmação "*quem vai querer alguém velho e pobre*". Nela o idoso não se reconhece como alguém desejável, capaz de despertar o desejo de outro. Porém, ressalta "*venho ver as mulheres, limpar a vista*", evidenciando-se como sujeito desejanter.

Tais questões nos levam a considerar, como se dá o reconhecimento do sujeito nesse corpo marcado pelo tempo, no qual o desejo não encontra ressonância no corpo. "*A gente vem aqui limpar a vista e leva uns filminhos pra ver em casa, é só o que dá pra fazer*". Quanto a isso, Mucida (2012) indica que o sujeito do inconsciente não envelhece e seus desejos desconhecem a dimensão temporal, fazendo com que o indivíduo elabore novas formas de relação com o objeto de desejo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Antropologia Interpretativa, inspirada nas “teias de significados” de Max Weber coloca à nossa disposição as respostas dadas pelos outros e as inclui nos registros da cultura, nesse caso, as respostas dadas pelos idosos que frequentam o Calçadão.

Desse modo, não se deve generalizar, mas buscar os significados de acordo com as suas características, sendo que o trabalho de campo pode trazer novas interpretações e contribuições às teorias existentes.

Assim, a correlação entre os referenciais teóricos e a comunidade estudada, nos possibilita tecer algumas considerações, dentre as quais, interpretar a materialização do papel atribuído ao indivíduo idoso, como uma forma dele reorganizar seu lugar no mundo. A frequência regular ao espaço do calçadão em dias e horários considerados “úteis” reforça a imagem de pessoas sem ocupação, conseqüentemente sem utilidade.

Por sua vez, a representação consensual da inutilidade na velhice é absorvida pelo sujeito, fazendo com que ele a incorpore sentimental e objetivamente, vivenciando o papel atribuído a si, conforme manifestam as falas. “*A gente não tem o que fazer, aí vem conversar com os amigos*”.

A partir das representações sociais existentes que oferecem um modelo consensual de velhice, o sujeito que se encontra desorganizado social e subjetivamente pela inatividade laboral, perdas afetivas e limitações físicas, encontra uma referência. Dito de outra forma, elas encontram ressonância em suas demandas e com isso ganham significação.

Ao frequentar esse espaço os indivíduos constroem novos laços sociais e conservam os já existentes, à medida que buscam não impor sua presença entre os jovens e/ou no círculo familiar, ao que concluímos ser a frequência ao Calçadão uma forma de preservar nas relações afetivas o seu significado e manter-se vivo socialmente.

Tomando por referência a psicanálise, poderíamos afirmar que no Calçadão o sujeito elabora sua existência a partir das novas configurações trazidas pela velhice, que é este o elemento que o sustenta.

Estaríamos utilizando nas relações humanas a lógica do descarte, na qual a importância é atribuída à pessoa por sua utilidade? Qual o sentido de investirmos nos mecanismos de prolongamento da vida, se não valorizarmos a vida na velhice?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*: Realidade incômoda. São Paulo: Difel, 1970.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GEERTZ, Clifford. *Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa*. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1988.

IBGE - *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em <<http://idades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250400>>. Acesso em 24 de outubro de 2015.

MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: 2 ed. 1. Reimp. Autêntica editora, 2012.

NERI, A.L. *Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SALGADO, Marcelo Antônio. *Aposentadoria e ética social*. In *Série Terceira Idade*. São Paulo: Sesc, 1997.

URIARTE, Urpi Montoya. *O que é fazer etnografia para os antropólogos*. Ponto Urbe (Online). 11/2012. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/300>>. Acesso em 22 de setembro de 2015.